



Mutirões-oficinas de transição agroecológica no Assentamento Milton Santos, Americana, São Paulo.

Collective work and agroecological transition workshops in the Milton Santos settlement in Americana, São Paulo.

PEREIRA, Luciano¹; SANTAROSA, Vanessa²

¹ Faculdade de Educação, Unicamp, msocial@unicamp.br; ² Instituto de Biologia, Unicamp, v.santarosa1@gmail.com

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: O relato objetiva analisar as atividades de formação e trabalho coletivo em agroecologia que ocorreram, no Assentamento Milton Santos, em parceria com a Unicamp, ao longo de dois anos. Os mutirões-oficinas foram organizados com o intuito de estimular as práticas agroecológicas e atender às demandas dos agricultores em relação à implementação de Sistemas Agroflorestais e outras técnicas de agricultura agroecológica. Nas atividades autogeridas, agricultores, estudantes e técnicos ajudaram-se mutuamente tendo em vista o fortalecimento dos vínculos entre agricultores e participantes externos e maior produtividade do trabalho, o que resultou em processos de construção coletiva de conhecimento, nos quais houve trocas de saberes populares e científicos. A partir da colaboração entre diversas instituições e sujeitos, os mutirões resultaram na ampliação de práticas agroecológicas na comunidade e em aprendizados a serem incorporados nos planejamentos de novos mutirões em assentamentos de reforma agrária.

Palavras-Chave: atividades autogeridas; princípio pedagógico do trabalho; cooperativa de agricultores; assentamento da reforma agrária; saberes populares e científicos.

Keywords: Self-managed activities; pedagogical principle of work; peasant's cooperative; settlement of land reform; popular and scientific knowledge.

Contexto

No início de 2016, foram realizadas as primeiras visitas ao assentamento Milton Santos, nas quais foi possível constatar dificuldades na transição agroecológica e no escoamento da produção. Ainda no ano de 2016, esse conjunto de questões levou à submissão do projeto de extensão comunitária para a Pró-Reitoria da Unicamp com o título "Incentivo às práticas agroecológicas a partir da interação de produtores e consumidores". Com a aprovação do projeto, colocamos em prática o que foi planejado, a saber, a realização de mutirões. Conseguimos de modo satisfatório atingir nossos objetivos, entretanto, não obtivemos a aprovação na versão 2017 do Projeto de Extensão Comunitária. Para suprir essa lacuna e dar continuidade ao trabalho, construímos parcerias com a Rede de Agroecologia da Unicamp, com o Instituto Federal de São Paulo (*campus* Campinas) e com técnicos especializados em agroecologia e graduandos da UFSCar (*campus* de Araras) e da ESALQ. No segundo semestre de 2018, as atividades foram retomadas com financiamento do edital Projeto de Extensão Comunitária "Planejamento e Implementação de Sistema Agroflorestal por meio de Mutirão-Oficina".



Dessa maneira, ao longo de dois anos, foram realizados oito mutirões no Assentamento Milton Santos com diferentes enfoques. Tais atividades foram desenvolvidas com intuito de estimular o uso de técnicas de agricultura sustentável no assentamento, promovendo dessa forma o incremento da produção e a diversificação das espécies comercializadas, além de fortalecer os vínculos e laços de solidariedade entre os assentados e a comunidade.

Descrição da Experiência

O Assentamento Milton Santos está localizado nas cidades de Americana e Cosmópolis, é legalizado desde 2005 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e composto por 68 famílias que residem em lotes de 1 e 2 hectares. Parte das famílias do assentamento organiza-se em uma cooperativa de agricultura familiar denominada Cooperflora, através da qual realizam a venda de produtos agrícolas oriundos de produção agroecológica, sejam aqueles cultivados no próprio assentamento ou por parceiros em locais da reforma agrária. A Cooperflora realiza reuniões semanais para planejar a produção e organizar a venda dos produtos, que ocorre através de cestas entregues para grupos de consumo em diversas cidades da Região Metropolitana de Campinas.

Durante as visitas ao Assentamento Milton Santos, foi possível participar das reuniões da Cooperflora, nas quais tornou-se evidente a necessidade de diversificação e aumento na produção agrícola do assentamento, pois além de existir uma demanda dos grupos de consumo por maior variedade de espécies comercializadas, a atual produção não está sendo suficiente para suprir o aumento dos compradores. Diversificar e ampliar. Atualmente, a Cooperflora realiza entrega de cestas a quatro grupos de consumo, dois sindicatos, um grupo de professores e um grupo de estudantes. Todos os quatro grupos possuem uma característica em comum, qual seja, a consciência política a respeito da defesa da Reforma Agrária e da produção agroecológica.

Nesse contexto, cada mutirão-oficina foi elaborado como uma atividade de construção de princípios e técnicas agroecológicas, tendo em vista o incremento da produção agroecológica, ao mesmo tempo em que o público em geral também seria contemplado com a abordagem de conhecimentos sobre agroecologia acessíveis para todos os níveis de formação.

Assim, foram realizados oito mutirões-oficinas no Assentamento Milton Santos com o intuito de resgatar e fomentar a prática de trabalho coletivo e, ao mesmo tempo, proporcionar a formação técnica necessária e em diálogo com os saberes e experiências dos envolvidos. Por mutirão, entende-se a prática de trabalho coletivo, por meio da qual, os membros de um grupo, ou determinada comunidade, reúnem-se tendo em vista a ajuda mútua e a maior produtividade do trabalho. Neste projeto, o mutirão, além das características acima citadas, também foi considerado uma oportunidade de construção coletiva de conhecimento, na qual houve trocas de saberes, trocas essas em que os saberes populares e conhecimentos científicos coexistiram a partir de suas especificidades e com objetivos comuns, segundo a teorização da ecologia dos



saberes SANTOS, 2007). A metodologia utilizada foi baseada no livro “Diagnóstico Rural Participativo - Guia Prático”, de Miguel Expósito Verdejo (VERDEJO, 2006). Trata-se de uma ferramenta metodológica de pesquisa-ação, cujo princípio fundamental é a participação da comunidade em todas as fases, ou seja, concepção, execução e avaliação das ações. Assim, pesquisadores, extensionistas e agricultores trabalham juntos para atender as demandas apresentadas pela comunidade. Dessa forma, os mutirões foram precedidos de assembleias e rodas de conversa entre os universitários e a comunidade, que definiram o desenho das ações, considerando as demandas dos agricultores e os processos pedagógicos envolvidos em cada uma das práticas realizadas.

Atualmente, a produção no assentamento é focada em hortaliças e em espécies de ciclo curto, o que impõe uma limitação na oferta de produtos, então, para diversificar a produção foi proposto aos agricultores a realização de mutirões para introdução de Sistemas Agroflorestais (SAFs) que, segundo a definição de Ribaski (2001), são formas de uso sustentado da terra em que ocorre o plantio e manejo de árvores e arbustos de maneira consorciada com cultivos agrícolas. Assim, a implantação de SAFs no assentamento seria uma alternativa que atende aos princípios básicos da agroecologia (GLIESSMAN, 2000), pois trata-se de um modo de cultivar que apresenta potencial de promover a preservação de recursos naturais combinada com a produção de cultivos agrícolas. Entretanto, como as hortaliças e as culturas de ciclo curto continuam sendo uma importante fonte de renda para a maioria dos agricultores do assentamento, o plantio de tais variedades agrícolas constitui uma demanda que o projeto buscou contemplar em conjunto com as técnicas de SAF.

Cabe ressaltar que o acesso à água é uma questão importante que restringe o plantio no assentamento, dado que alguns lotes não possuem condições de realizar irrigação. Sendo assim, o uso da Horta Comunitária é uma alternativa viável para estes agricultores, pois no local há possibilidade de obter acesso à água para irrigar os canteiros. Portanto, além dos mutirões envolvendo técnicas de SAF, o último mutirão ocorreu na Horta Comunitária e foi focado no cultivo e manejo de hortaliças. Dessa forma, os lotes de cada família poderiam continuar sendo utilizados para implementação de técnicas de SAF, que possibilitam o plantio sem irrigação intensiva e de culturas de ciclo mais longo, enquanto a Horta Comunitária poderia ser destinada para canteiros de hortaliças que têm maior necessidade de irrigação e geram uma produção a curto prazo, capaz de abastecer a venda das cestas semanais. Parte dos agricultores cultiva hortaliças em seus próprios lotes, assim a intenção era que as atividades na Horta Comunitária servissem como uma demonstração das técnicas que podem ser reproduzidas por qualquer participante, seja nos espaços coletivos ou nos lotes de cada família.

Cada mutirão-oficina foi planejado e executado segundo um enfoque diferenciado, tendo em vista atender as demandas de produção agroecológica no assentamento que eram pertinentes a cada etapa do projeto. Todas as etapas das oficinas e mutirões foram discutidas em coletivo e a condução das atividades ocorreu de forma colaborativa. Apesar de alguns mutirões terem contado com assistência técnica e facilitadores que conduziram as atividades, algumas ações foram conduzidas pelos agricultores e



outras foram, espontaneamente, decididas por todo o grupo. As atividades e as motivações envolvidas no planejamento de cada uma delas estão detalhadas a seguir: 2017 - Dois mutirões no lote do agricultor David – um de SAF com adubação verde e outro de hortaliças.

2017 - Um mutirão-oficina de SAF no lote do agricultor Liormando.

2017 - Um mutirão-oficina de SAF no lote da agricultora Eunice. (Oficineiro Hemes Lopes, agricultor do Sítio Recanto do Saci, Assentamento Sepé Tiaraju)

2018 - Um mutirão-oficina de adubação verde no lote da agricultora Leni. (Oficineiro Rafael Virgínio dos Santos, mestrando em agroecologia, na UFSCar - Araras)

2018 – Dois mutirões de SAF com adubação verde, o primeiro, no lote do agricultor José e, o segundo, no lote da agricultora Regina. (Oficineiro – Matheus Grolla Martins, graduando em Gestão Ambiental na ESALQ - USP)

2019 - Um mutirão-oficina de biofertilizantes, repelentes naturais e artesanais e uso de bioinseticidas comerciais e aplicação dos princípios de sucessão e estratificação com hortaliças na área da Horta Coletiva. (Oficineiro Rafael Virgínio dos Santos, mestrando em agroecologia, na UFSCar - Araras)

Resultados

Se de início, os mutirões foram concebidos segundo as necessidades e projetos dos assentados, com a sucessão das atividades, ficou claro que tais dinâmicas mobilizavam efetivamente os participantes externos à comunidade, o que por sua vez, resultou em pesquisas de iniciação científica, de mestrado e doutorado. Além de ensinar novas pesquisas, os trabalhos no campo foram vividos como trabalho de campo, levando a mudanças no itinerário de pesquisa de jovens pesquisadores. Assim, o projeto de mutirões possibilitou aos pesquisadores-extensionistas conhecer *in loco* e pela ótica dos agricultores as dificuldades da transição agroecológica em assentamentos, em especial, a produção de frutas em todas as estações do ano, assim como, dificuldades próprias aos assentamentos de reforma agrária que carecem de políticas voltadas para a agricultura camponesa. No que tange às metodologias, o mutirão e as oficinas possibilitaram o aperfeiçoamento pedagógico em processos de educação popular e da organização do trabalho associado. Como o planejamento dos mutirões buscou contemplar tal diversidade de público, houve momentos teóricos, práticos e de roda de conversa, em que todos os participantes puderam contribuir e compartilhar suas experiências em relação à agroecologia. No que tange a este público diversificado, nota-se que os momentos de atividades práticas e de explicações teóricas no formato de rodas de conversa parece ter surtido um efeito positivo como estratégia de ensino, uma vez que esses participantes buscaram a todo momento envolver-se ativamente nos mutirões, seja no revezamento de tarefas em campo ou nos momentos de conteúdo teórico. Era visível que todos sentiam-se à vontade para colaborar, o que resultou na percepção de que cada participante pôde aprender e ensinar um pouco também. A partir da experiência individual de cada um, todos conseguiram compartilhar algum conhecimento e esse intercâmbio de ideias tornou-se um ato educativo por si só.

Por fim, faz-se necessário realizar um balanço do que foi alcançado em termos concretos pelos agricultores a partir dos mutirões. Os primeiros mutirões foram caracterizados pela grandiosidade, levou-se muitas mudas, sementes e mobilizou-se um



considerável número de pessoas externas para trabalharem nas atividades. A amplitude das primeiras ações pode ser explicada pela paixão política em relação à agroecologia e por certo voluntarismo que marca as primeiras ações de extensão. A partir dessa avaliação, adequamos as atividades não apenas às possibilidades dos agricultores, mas também ao tempo da natureza, ambas lições ensinadas agroecologia, já que essa é formada também por princípios.

As oficinas foram concebidas para valorizar o trabalho coletivo, tanto nos termos de Pistrak, segundo o qual o trabalho porta princípios pedagógicos, quanto em termos de aumento de produção trazido pelo trabalho associado. No entanto, o trabalho nos assentamentos, o Milton Santos não foge à regra, é realizado sobretudo pela família. A esse respeito, as especificidades que caracterizam o assentamento, atualmente, são: envelhecimento dos assentados, baixa sucessão familiar na agricultura e desinteresse dos jovens, filhos e netos, pela vida no campo. Assim, muitas vezes, o trabalho é realizado por um casal, ou, em casos de viuvez e separação por um membro. Quando um deles ou o casal se adoecer não há ninguém para fazer o manejo do SAF ou dos cuidados da horta e da roça de milho. Após dois grandes mutirões, foi o que aconteceu e o mato cresceu mais rápido do que a germinação das sementes e do que as mudas. Depois disso, passou-se a realizar atividades menores e diminuimos a área da intervenção e nunca deixamos de incluir espécies de ciclos curtos ou de adubação verde, cujos resultados são rápidos. Para adubação verde, descobrimos que o plantio a lanço não é adequado, pois tal técnica depende de relativo índice pluviométrico.

Com os oito mutirões realizados, um resultado efetivo foi a construção vínculos sociais marcados pela confiança e reciprocidade. A proximidade da primavera e o começo da temporada de chuvas marcarão também o começo de uma nova série de mutirões, mas, agora, a partir de uma experiência acumulada.

Referências bibliográficas

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processo ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

PISTRAK. **O princípio pedagógico do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

RIBASKI, Jorge; MONTOYA VILCAHUAMAN, Luciano Javier; RODIGHERI, Honorino Roque. **Sistemas agroflorestais: aspectos ambientais e sócio-econômicos**. Embrapa Florestas-Artigo em periódico indexado (ALICE), 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais e uma ecologia de saberes**. Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra: Portugal, n. 78, 2007.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares

